

A sucessão de Sarney está passando pelo Rio

Rogério Coelho Neto

Não importa a origem do candidato do PMDB a presidente da República: mineiro, paulista ou nordestino, ele terá de buscar, se estiver realmente disposto a participar da grande chegada de uma eleição de dois turnos, o apoio da seção carioca do partido. Como o ex-governador Leonel Brizola já é o candidato do PDT e o PSB precipitou o lançamento do nome do prefeito Roberto Saturnino Braga, sua maior estrela, não é exagero afirmar que, acima de qualquer decisão futura da cúpula pemedebista, a sucessão do presidente José Sarney passa mais pelo Rio de que por outro qualquer lugar.

Como o Rio de Janeiro está transformado, por um conjunto de circunstâncias, na mais importante via de acesso ao Palácio do Planalto, não é exagero considerar a eleição do novo prefeito da cidade, desde que este ano, como um acontecimento de real importância para os que apostam alto na sucessão presidencial. Brizola sabe, por exemplo, que a conquista da prefeitura carioca pelo PDT, através da forte chapa Marcelo Alencar-Roberto D'Ávila, lhe confere uma importante plataforma de lançamento. Sabe, também, que uma derrota, se acontecer, reduzirá bastante a caminhada que iniciou rumo a Brasília.

O prefeito Roberto Saturnino Braga, por sua vez, tem de mostrar na eleição que apontará o seu sucessor, que está com *bala na agulha*. Seu candidato, o vice-prefeito Jó Rezende, não tem frequentado os primeiros lugares das pesquisas de opinião que procuram desvendar para onde poderá pender a vontade do eleitor. Rompido com Brizola e com o PDT e não vendo, como um bom negócio, qualquer aliança com o PMDB, Saturnino, em busca de espaços políticos nacionais mais amplos, vai ficando espremido no grande funil da sucessão presidencial.

Há algum tempo, Saturnino chegou a sonhar com a vice de uma chapa progressista que premiasse na cabeça o senador pemedebista Mário Covas. Essa chapa, porém, não decolou. Para segurar uma pontinha qualquer de influência no jogo sucessório, Saturnino aceitou, então, o lançamento de seu nome para a presidência pelos dirigentes e líderes do PSB. Esperava, pelo

menos, atrair quadros de esquerda, descontentes com o PMDB, o PDT e o PT, para um novo partido socialista. O Partido Socialista Democrático Brasileiro (PSDB) não está conseguindo, contudo, sair do chão, o que poderá comprometer o futuro de Saturnino como líder político nacional.

Nesse grande tabuleiro de xadrez que começa a ser armado na cidade do Rio de Janeiro, o governador Moreira Franco está se preparando, desde a posse, para um jogo realmente interessante. No momento, ele se dedica ao recrutamento de uma equipe de especialistas na arte de avançar, recuar ou assumir posição contemplativa diante de complicados fatos políticos. Um exemplo de avanço: a atração, para valer, do ex-ministro da Previdência Social, Raphael de Almeida Magalhães, para um esquema de fortalecimento do PMDB, em nível nacional, com o resgate dos antigos compromissos políticos, sociais e econômicos assumidos pelo partido ao tempo em que se chamava Movimento Democrático

Brasileiro (MDB). Moreira é um dos articuladores desse movimento, ao lado dos governadores Waldir Pires (Bahia), Miguel Arraes (Pernambuco), Pedro Simon (Rio Grande do Sul), Max Mauro (Espírito Santo) e Carlos Bezerra (Mato Grosso).

Raphael, que ganhou superpoderes, ao absorver, como secretário de Cultura, a pasta da Educação, vai ajudar Moreira a realizar três projetos partidários: 1 — reduzir o campo de manobra da esquerda pemedebista no Rio, visando conter a evasão de quadros na capital fluminense; 2 — acertar uma composição que permita ao PMDB disputar, com êxito, a sucessão de Saturnino; e 3 — dar ao diretório regional do partido no estado permanente presença nacional.

A candidatura do ex-ministro da Previdência Social à prefeitura do Rio cairia como uma luva no seio de um PMDB aflito. O secretário-estadual de Educação e Cultura não deseja, no entanto, a postulação, preferindo, segundo seus amigos, ajudar Moreira Franco a recompor, com outras lideranças, a partir da convenção nacional pemedebista de 21 de agosto, o perfil do antigo MDB. No fundo, o que Raphael deseja é a sucessão do próprio Moreira.

Moreira está consciente da importância do Rio na sucessão de Sarney. Não tem dúvidas, como político experiente, que a própria presença de Brizola na cena carioca aumenta o seu cacife junto à direção nacional do PMDB e junto ao governo federal. A sombra do candidato do PDT à sucessão presidencial protege o governador fluminense, na pior das hipóteses, de qualquer propósito revanchista de ministros inconformados com o seu alinhamento à tese vencida do mandato de quatro anos.

O quadro político do Rio apresenta, finalmente, dois expectadores privilegiados: o deputado federal Alvaro Valle e o empresário Hélio Paulo Ferraz, o primeiro, candidato declarado do PL, e o segundo, tentando impor o seu nome às bases do PFL. O jogo é amplo e complicado, como se vê. Havendo eleição, enfim — a sociedade espera sinceramente que os eternos golpistas não consigam matá-la — o Rio decide decidir, com bastante antecedência, uma das pontas maiores da sucessão de Sarney.

